

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA
FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDADOGIA**

SANDRA MACHADO

**CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E POSSIBILIDADES
METODOLÓGICAS NO ENSINO DO ALUNO COM
DISLEXIA.**

APARECIDA DE GOIÂNIA

2018/2

SANDRA MACHADO

**CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E POSSIBILIDADES
METODOLÓGICAS NO ENSINO DO ALUNO COM
DISLEXIA.**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Nossa Senhora Aparecida – FANAP, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob à orientação do professor Dr. Cristiano Santos Araujo.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2018/2

TERMO DE APROVAÇÃO

CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO DO ALUNO COM DISLEXIA.

SANDRA MACHADO

Este Artigo Científico foi apresentado no dia __/__/__ como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, tendo sido avaliado e aprovado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dr. Cristiano Santos Araujo
Orientador – FANAP

Prof. M.e. XXXXXXXXXXXX
Leitor (a) - FANAP

Prof. M.e. XXXXXXXXXXXX
Leitor (a) – FANAP

CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO DO ALUNO COM DISLEXIA.

RESUMO

Com o presente estudo objetivou-se compreender a dislexia, suas causas e as consequências no processo ensino aprendizagem de crianças disléxicas. É uma das principais causas de evasão escolar, nesse sentido, com o intento de contribuir com as discussões desse transtorno e com os educadores, que lidam cotidianamente em sala de aula com tal problemática, buscou-se apresentar possíveis metodologias, estratégias e técnicas que auxiliam na formação dos alunos disléxicos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica interdisciplinar que permitiu o diálogo, entre diferentes áreas do saber, entre os campos biomédicos e da área de educação, necessário a apreensão desse transtorno específico de leitura e escrita relacionado a genética neurobiológica. Dentre os autores que abordam a temática, como fonte bibliográfica dessa pesquisa, destacam-se: Gillon(2000); Galaburda e Cestinick (2003);Farrel (2008);Mousinho (2009);Conway (2011); Howell e Dean (1994).

Palavras-chave: Dislexia. Consequências no processo ensino aprendizagem. Metodologias de ensino. Novas tecnologias.

ABSTRACT

With the present study aimed to understand the dyslexia, its causes and the consequences in the learning process teaching of dyslexic children. One of the main causes of school evasion in this sense, with the intention of contributing to the discussions of this disorder and with the educators Who deal daily in the classroom with such problem, sought to present possible methodologies, strategies and techniques that help training of the dyslexic students. For that, on interdisciplinary bibliographical research was carried out that allowed the dialogue between different areas of knowledge between the biomedical fields and the area of education, necessary the apprehension of this specific disorder of reading and writing related to neurobiological genetics. Among the authors who approach the subjects as a bibliographical source of this research, stand out: Gillon (2000); Galaburda and Cestinick (2003); Farrel(2008); Mousinho(2009); Conway(2011); Howell and Dean(1994).

Keywords: Dyslexia. Consequences in the process teaching learning. Methodologies of teaching. New technologies.

INTRODUÇÃO

Durante a realização do estágio, verificou-se a presença de um número significativo de crianças disléxicas nas escolas, o que gerou um conjunto de inquietações e a busca pela compreensão da dislexia, suas causas e as consequências no processo ensino aprendizagem. Nesse sentido, esse trabalho tem como foco a compreensão desse distúrbio de aprendizagem e de escrita, que se apresenta como uma das problemáticas que atingem alunos, escolas e famílias. A fim de contribuir com a discussão aponta-se, também, as possíveis técnicas e metodologias de ensino que podem auxiliar na formação dessas crianças.

No geral, os disléxicos possuem inteligência acima da média, porém apresentam dificuldades ao decodificarem palavras, pronunciar monossílabos, invertem sílabas e trocam letras. O diagnóstico precoce é a melhor maneira de tratamento e deve ser realizado por uma equipe interdisciplinar, formada por profissionais de distintas áreas e, principalmente, o auxílio de familiares.

Durante a realização da pesquisa, o levantamento bibliográfico indicou que pesquisas confirmam que através das novas tecnologias os alunos com dislexia têm desenvolvido habilidades que beneficiam a leitura e a escrita, bem como a caligrafia, porém é importante destacar que nada substitui os métodos tradicionais de ensino que possuem comprovação científica.

A dislexia não é uma doença, por isso não se pode falar em cura, mas em melhora na qualidade de vida e minimização dos problemas de aprendizagem. As dificuldades de identificação da dislexia, a demora no diagnóstico faz com que aumente o sofrimento dos alunos, transtorno que se torna explícito quando as crianças ingressam na escola, pois apresentam maiores dificuldades de escrita e leitura em relação aos demais alunos. Os disléxicos, ao receberem informações, há uma desordem que geram dificuldades em decodificar as letras do som, assim as crianças não conseguem ler e escrever corretamente.

O professor desempenha papel fundamental no processo de ensino aprendizagem do alunado em geral. Dessa forma, devem também ser preparados

pedagogicamente e aprender a buscar conhecimento para criar estratégias e metodologias diferenciadas para trabalhar com os discentes disléxicos. Nessa perspectiva, Severino (2007), aponta a importância do saber para a realização do trabalho pedagógico:

De um lado, tem uma dimensão epistemológica: a perspectiva do conhecimento. Só se conhece construindo o saber, ou seja, praticando a significação dos objetos [...] assume ainda uma dimensão pedagógica: a perspectiva decorrente de sua relação com a aprendizagem. Ela é mediação necessária e eficaz para o processo de ensino/aprendizagem. Só se aprende e só se ensina pela efetiva e prática da pesquisa. Mas ela tem ainda uma dimensão social: a perspectiva da extensão [...] (SEVERINO, 2007, p. 26).

Cabe ao educador, também, promover a interação dos disléxicos com os demais alunos, a partir de técnicas e procedimentos, que propiciemos despertar do sentimento de valorização e, assim, o desejo de aprender. E a família juntamente com a escola deve fazer parte desse processo, que pode durar toda a vida, na medida em que se trata de um transtorno que não tem cura. E, conforme apontado, os alunos com dislexia normalmente apresentam inteligência acima da média, por isso quanto mais cedo forem diagnosticados melhor será seu desempenho.

Cabe apontar que, outro aspecto relevante quanto a essa problemática, é de suma importância o acompanhamento por uma equipe interdisciplinar composta por: psicólogo, psicopedagogo, psiquiatra, professor, pais e comunidade. Desse modo, é imprescindível o poder público assumir sua responsabilidade de fato para com a educação e promover melhorias na infraestrutura das escolas, bem como, nos salários e condições dignas de trabalho dos professores e dos demais profissionais da educação.

Quanto aos instrumentos que podem contribuir com melhorias no ensino de crianças com dislexia, conforme Mousinho (2009) e Conway (2011), os *softwares* são instrumentos que auxiliam cada vez mais. Estes, se constituem em programas específicos que podem ser utilizados em quase todos os aparelhos eletrônicos, facilitando a compreensão da leitura e da escrita. Contudo, é importante ressaltar, novamente, que os programas e as novas tecnologias não devem nunca substituir os métodos tradicionais de ensino.

DISLEXIA: CONCEITOS, DIAGNÓSTICO E AMBIENTE ESCOLAR.

A dislexia é relacionada com a genética e a neurobiologia, acarretando dificuldades na leitura e na escrita. De acordo com Fonseca(2011), o conceito básico de dislexia diz respeito a “dificuldade da fala e da dicção”. O sujeito recebe a informação, mas não consegue decodificá-la. Pode-se dizer que ocorre falha de conexão cerebral quanto à aprendizagem da leitura e da escrita, o que impede que a criança tenha um desempenho padrão em relação as demais crianças na escola.

Segundo Moura (2013), não é uma tarefa fácil detectar o distúrbio da dislexia em crianças muito pequenas, porém há alguns sintomas que podem indicar, mas é quando elas ingressam na escola que esse transtorno se torna mais evidente. Para o autor, especialistas concordam que por ser um distúrbio genético é possível avaliar os alunos a partir dos cinco anos de idade. Conforme explicitado, a dislexia não é uma doença, por isso não é plausível falar em cura, é um distúrbio/transtorno que ocorre com maior frequência em indivíduos do sexo masculino, de cada três crianças com esse distúrbio, somente uma é do sexo feminino.

Moura (2013) ressalta, ainda, que dislexia não significa baixa inteligência. Apesar disso, há a necessidade de os disléxicos serem atendidos por uma equipe interdisciplinar formada por psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, professores e pais, pois, quanto antes iniciarem o atendimento especializado melhor será para a criança, no sentido de minimizaçãodo problema.

Conforme apontam Galaburda e Cestinick (2003), uma criança com dislexia não decodifica as palavras, tem dificuldades em pronunciar monossílabos, invertem sílabas, trocam letras, não escrevem na sequência mesmo quando estão copiando, ou conhecemos textos eestórias trocam palavras de maneira involuntária. E alguns disléxicos não distinguem esquerda e direita, não são capazes de separar sílabas e, por fim, os homônimos se constituem em um grande problema.

Estudos apontam, Segundo Galaburda e Cestinick (2003), que uma das causas desse transtorno é a baixa imunidade do feto e deficiência nutricional do

mesmo, outras pesquisas afirmam que isso ocorre devido à má formação do cérebro antes mesmo do nascimento. A má formação impede a comunicação do têmporo-occipital na parte frontal/área visual com o lobo parietal causando uma desordem na informação recebida pelo cérebro na hora da leitura. O que inibe o processo de entendimento das letras e, assim, interfere na leitura e escrita, dificultando a decodificação das letras e impedindo a associação entre letra e o som da mesma. E, conforme Borba, Queiroga e Vogeley (2004), “o ato de refletir de maneira consciente sobre os aspectos da linguagem e suas manipulações é o que a psicolinguística tem chamado de consciência metalinguística ou habilidade metalinguagem”.

A consciência fonológica é a conexão da linguagem falada com a linguagem escrita (GILLON, 2000).

. Ea segmentação das palavras em sílabas em letras e som, um ato simples, não acontece com os disléxicos. Para alguns autores, como Barreira e Maluf (1995), a consciência fonológica não deve ser uma habilidade treinada e sim uma capacidade cognitiva desenvolvida. A consciência fonológica se desenvolve no período alfabético, ou seja, quando a criança ingressa na escola. O que promove uma das causas do fracasso escolar, na medida em que não ocorre o mesmo desenvolvimento de alunos disléxicos em relação aos não disléxicos.

Conforme a *International Dyslexia Association-AID* (1994), a dislexia é um distúrbio que impede que a criança decodifique palavras simples, mostrando que há uma falha no sistema fonológico, pois, a dificuldade em decodificar palavras simples não são esperadas para crianças em idade escolar. Nesse sentido, Rotta, Pedroso e Shaywitz (2006) ressaltam que é necessário observar alguns fatores para diagnosticar o quanto antes o distúrbio, tais como: verificar se existe casos na família, dificuldade em aprender a falar, leitura e escrita ilegíveis, ansiedade em fazer testes, dificuldades em monossílabos, rimas, ler em voz alta, esquecer textos imediatamente após a leitura, leitura lenta e silábica, dentre outros.

No espaço escolar essas crianças sofrem com uma série de problemáticas, além da dificuldade de aprendizagem. Nessa perspectiva, se não há a compreensão por parte de todos os profissionais da educação, a escola pode impactar intensamente a criança no sentido de desestimular a aprendizagem. Segundo Robert Frank (2003).

A escola será o lugar onde a dislexia do seu filho vai ter provavelmente o impacto mais evidente. Quando ler, escrever, terminar as tarefas e interagir com colegas e professores, vai enfrentar seu transtorno de aprendizagem diária e continuamente. Pais e professores que oferecem apoio, bem como um Programa de Educação Individualizada (PEI) cuidadosamente traçado, vão ajudar seu filho florescer, mesmo em um ambiente educacional exigente. Entretanto vale lembrar que cada criança com dislexia tem necessidades particulares. Então, você vai precisar experimentar as soluções até encontrar a melhor (FRANK, 2003, p.135.).

Uma das formas possíveis no auxílio de alunos com dificuldades fonológicas é a repetição dos sons das palavras, treinar a oralidade, por exemplo na identificação das consoantes no final das palavras, indicando que há um plural. Outra maneira é usar imagens ou fazer perguntas sobre o som e a quantidade de sílabas, palavras que se parecem. Segundo Howell e Dean (1994), essas metodologias têm se mostrado muito eficazes em casos moderados, porém em casos mais severos um fonoaudiólogo deve acompanhar a criança. E juntamente com o professor e o coordenador de necessidades especiais devem criar estratégias que irã propiciar a melhoria do atendimento desses alunos (HOWELL; DEAN, 1994).

A tradução da leitura para escrita, em alguns casos é bastante complicado manter a coordenação motora e a memória visual. Outro aspecto é a dificuldade em manter memória de curto prazo. Muitas vezes ainda está lendo e já esqueceu a palavra anterior, há uma grande dificuldade em organizar informação quando se está lendo, é comum perder o foco visual para soletração e escrita (FARREL, 2008, p.35).

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA DISLEXIA PARA A APRENDIZAGEM

A dislexia é um distúrbio que afeta a área do cérebro relacionada com a leitura e escrita, ocorre uma disfunção que acompanhará o indivíduo por toda

jornada escolar, sendo assim não há necessidade de repetir exames/diagnósticos ao longo da vida, pois, não haverá nenhuma mudança. Compreende-se que há uma disfunção na percepção e memória visual, onde se visualiza as letras e as palavras invertidas e ocorrendo a escrita em espelho, pontuando ainda que a criança disléxica possui dificuldade em distinguir pontos e uma tendência em inverter as figuras e letras, não determina diferença entre curvas e ângulos, o que deveria acontecer naturalmente (OLIVEIRA, 2001).

De acordo com a *American Psychiatric Association* (2000), dislexia é um transtorno que afeta a área do cérebro ligada à leitura e à escrita, o que impede que o aluno tenha o rendimento esperado para sua idade cronológica, assim como, causa problemas sociais e emocionais. A dislexia provoca o esquecimento do nome das letras, causando assim o atraso na vida escolar do indivíduo. Partindo desse ponto se faz necessário a intervenção multidisciplinar e, principalmente, da Psicopedagogia. Esse acompanhamento especializado faz toda a diferença na vida dos disléxicos, pois pode facilitar a alfabetização, bem como, suas relações cotidianas.

Para os autores Salgado, Lima e Ciasca (2013), os disléxicos confundem as letras com grande frequência, não associam o som com a escrita, isso gera um nível escolar baixo para a idade, mesmo que o nível intelectual seja acima da média. O mau funcionamento da memória fonológica dificulta o processamento da informação fonética para a ortográfica e, assim, os disléxicos não desenvolvem a auto percepção de seus erros (LIMA, R. F; SALGADO. C. A; CIASCA, 2013, s/p).

Para Tavares (2008), o professor deve se esforçar ao máximo para ensinar os alunos com dislexia no processo de aprendizagem da leitura, para tanto, devem buscar métodos adequados. Dentre outros modos de contribuir com o aluno, o autor aponta que as respostas orais favorecem os disléxicos, principalmente nas avaliações que devem ser feitas a partir dos seus conhecimentos e não de suas dificuldades. Quanto ao papel dos pais, Tavares (2008) assinala que é identificar as formas de memorização da criança na hora da leitura, ajudar o filho a ler em voz alta, repetidas vezes, corrigindo sempre que necessário.

Quanto as consequências na formação dos disléxicos, Stein (1995) ressalta que a acomodação da criança é um fator importante. Pois, durante a leitura perde-se o foco com facilidade expressiva, qualquer movimento mais rápido como mover os olhos para ver abaixo na página escrita ou mudar a distância entre o texto e os olhos é suficiente para perder a atenção. Se houver problemas de acomodação, com certeza, segundo Stein (1995), acarretará dificuldade na leitura, na escrita e na ortografia.

Uma segunda consequência, desse distúrbio, que implica nos processos formativos dos disléxicos são os problemas visuais, muito comum nessas crianças. Para o autor, uma forma de explicar é a teoria magno celular, uma hipótese de que o sistema ocular se altere ao longo do tempo. O que causam conjunto de dificuldades na percepção visual e no controle binocular em razão de que as informações chegam muito rápido, causando confusões visuais, como se as letras se movessem no papel.

Fawcett e Nicholson (1992) destacam outras implicações para os alunos com dislexia, tais como: dificuldades na coordenação motora, o que pode interferir tanto na escrita como na coordenação motora fina, dificultando atividades na vida diária e necessárias em alguns esportes e brincadeiras. Os disléxicos ficam em desvantagem quando exercem atividades que precisam prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo. Essas crianças precisam dedicar atenção especial em atividades que para os não disléxicos ocorre de forma automática.

Nesse sentido, os autores ressaltam a importância da identificação e avaliação das dificuldades de coordenação motora fina. Já que é indispensável para que se possa trabalhar principalmente a escrita (FAWCETT e NICHOLSON, 1992). Um outro fator é a memória de curto prazo, é possível que esteja ligada a processos fonológicos, pois, “a memória fonológica contribui para o esquecimento de fonemas individuais o que impede a leitura sequencial de frases ou até mesmo de palavras” (BEATON, 2004, p. 72).

Quanto ao aspecto fonológico, Shaywitz (2006) ressalta que a:

Condição da dislexia do desenvolvimento, em que a leitura não se desenvolve normalmente, algo já estava errado desde o início.

Consequentemente, não é de se esperar que se encontre uma lesão específica, um corte no circuito que não se estabeleceu corretamente, já no início, tendo ocorrido uma falha durante a vida do feto, quando o cérebro se forma para a linguagem. Como resultado, as dezenas de milhares de neurônios que carregam as mesmas mensagens fonológicas necessárias a linguagem não se conectam adequadamente para formar as redes de ressonância que tornam possível a boa capacidade de leitura (SHAYWITZ, 2006, p.62-63).

Por fim, é importante compreender, de acordo com Tuchman (2000), que não há um tratamento para dislexia com melhora ao longo prazo. Todo disléxico deve ter acompanhamento terapêutico para auxiliar a família e a criança no desenvolvimento de maneira favorável no sentido de amenizar frustrações. O neuropediatra e o pediatra especialista em distúrbio do desenvolvimento junto com o psiquiatra infantil ocupam um lugar de extrema importância, uma vez que é necessário ir além do diagnóstico e muitas vezes se tornam o amparo que os pais necessitam.

METODOLOGIAS NO AUXÍLIO DOS ALUNOS COM DISLEXIA.

O aluno com dislexia possui nível intelectual dentro ou superior da média das crianças e não possui deficiência neurológica, contudo, por ser um transtorno da leitura e de escrita só se percebe na fase da alfabetização. Assim, as metodologias e estratégias a serem usadas devem estar de acordo com cada aluno, nesse aspecto o psicopedagogo deve planejar uma aprendizagem multissensorial com ênfase no lúdico, permitindo experiências que não sejam reduzidas a visão.

O foco do psicopedagogo é a aprendizagem do aluno, por isso é importante trabalhar com os acertos e não com as dificuldades, sair do papel é uma das opções, alternar com massinhas, oralidade, interagir com a caixa tátil, andar em cima de letras, escrever na areia, colar barbante ou feijão em cima de letras, dentre outras estratégias, contribui para o aluno ficar confortável. E, segundo Capretz (2012), esse é o primeiro passo no processo de ensino aprendizagem dessas crianças.

E, de acordo com Davis (2004, p.21), “quando se aplica abordagens multissensoriais, propicia a estimulação de partes importantes do cérebro e facilita a memória a longo prazo”. O psicopedagogo é extremamente importante nesse

processo de aprendizagem dos disléxicos, ele deve elaborar estratégias que facilitem, tais como dinâmicas: jogos, pinturas, palavras cruzadas, dramatizações. Nesse caso, deve-se visar “ações não formais, o que exige do terapeuta um vasto conhecimento da área em estudo” (WEISS, 2002, p.94).

Segundo Capovila (2002), ler e escrever é essencial para o desenvolvimento intelectual e representa crescimento e autonomia, nesse sentido os disléxicos vem se destacando com êxito na área de instruções fônicas. E, assim, a psicopedagogia deve formular estratégias para contribuir com mudanças na formação de dessas crianças.

Como sugestão Pollock(*et al.*,2004, p. 109-111) enfatiza que “a letra na escrita manual deve ser cursiva, e um bom começo é com a letra **c**, bem desenhada e repetidas vezes, outra maneira de memorização é iniciar a caligrafia formando duplas ou trios da mesma letra como **aa**, **dd**, **gge ee**”. O outro grupo determina a inclinação das letras como **iii** e **jjj**, também letras com curvas e ângulos como **bbb** e **fff**, por fim letras que podem ser desenhadas de várias formas como **kk**. O professor pode ajudar também o aluno com trabalhos escritos usando palavras chave.

Outro instrumento que contribui com o ensino dessas crianças é o *Inspiration*, um programa, *software*, que ajuda a organizar as ideias usando diagramas. Quando um aluno está escrevendo um texto o programa ensina passo a passo as apresentações, mostra estratégias que ajudam na memória garantindo que as informações sejam fixadas.

Estudos nos mostram que a utilização de ferramentas tecnológicas estimula o desenvolvimento da leitura, principalmente em leitores com deficiência educacional, em especial a dislexia. Há pesquisas cujo principal aspecto é melhorar as habilidades de leitura para os disléxicos. Em geral os resultados são bastante promissores ao revelar que há um envolvimento maior de alunos com dislexia em leitura e interpretação de textos quando utilizam tecnologias, conforme indica Mousinho(2009).

Segundo Conway(2011), quando alunos com dislexia utilizam computadores\ *tablets* apresentam um nível bem melhor de leitura, nesse aspecto

a instrução assistida por computadores propicia um envolvimento maior dos disléxicos ao trabalhar as habilidades em leitura e escrita. Desse modo, quando se utilizam ferramentas tecnológicas permite que os alunos tenham autonomia para lidar com conteúdo inclusive acadêmicos.

Para Skiada (2014), ainda não são adequadas as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nas escolas e, principalmente, para alunos disléxicos, o que constitui um fator negativo. Pois, a utilização das TICs favorece uma maior interação propiciando experiências que podem motivar os alunos com dislexia bem mais cedo, e assim diminuir os impactos das dificuldades causadas pela leitura e escrita.

Zapata (2011) relata sobre um trabalho desenvolvido com crianças disléxicas realizado através de um programa computadorizado com atividades metafonológicas de leitura onde foi possível observar que houve uma melhora significativa na compreensão da mesma. O *software* permitiu o registro dos erros e acertos, bem como cronometrar o tempo. Para cada aluno foi criada uma tabela a fim de acompanhar o desempenho nas sílabas, palavras e textos. Tal estudo concluiu que os alunos submetidos ao teste apresentaram melhorias na leitura, escrita e no tempo em que se realizou, bem como, uma melhora significativa na caligrafia.

Por outro lado, Reid (2013) declara que a utilização de tecnologias móveis como *Smartphones*, *Ipod*, *Tablets* e *Laptops* são úteis para esses alunos, mas não substituem os métodos tradicionais de ensino que possuem evidências científicas no apoio aos disléxicos.

O diagnóstico e a avaliação da dislexia são fundamentais, sobretudo para definir estratégias de intervenção, visando ao sucesso escolar. Assim sendo, crianças e adolescentes disléxicos podem alcançar o sucesso escolar, bem como ter atividades profissionais apoiadas na leitura e escrita, estando o sucesso acadêmico relacionado ao apoio recebido na escola, na família e de profissionais especializados (Guimarães, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca do saber e pela compreensão da dislexia, assim como, das consequências no processo de aprendizagem de crianças com esse distúrbio, apontou que este é um transtorno neurobiológico. Sendo assim, gera uma série de dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, não tem cura, porém quanto antes for diagnosticado, melhor será a minimização dos problemas enfrentados por alunos disléxicos.

Nesse sentido, os professores, junto com uma equipe interdisciplinar, devem atender os alunos disléxicos e colocar em prática estratégias que além de elevar a autoestima, ajudam no desenvolvimento escolar. É extremamente importante que os alunos com dislexia façam parte do ambiente em que estão inseridos. Assim, o professor deve propor atividades desenvolvidas em grupos, trabalhar com os demais alunos para sejam aceitos, uma vez que promover o respeito e a relação afetiva desses alunos é fundamental para seu desenvolvimento.

Um outro fator de extrema relevância para os disléxicos é a aceitação desse problema pelos pais, uma vez que são indivíduos inteligentes que podem viver felizes. A rejeição dos pais dificulta o diagnóstico precoce e, conseqüentemente, o tratamento. Quanto ao professorado, o ideal é uma formação que permite perceber as diferenças entre as crianças e detectar a necessidade de intervenções psicopedagógicas, tanto nos casos de dislexia como de outras dificuldades de aprendizagem.

Durante a realização desse estudo, evidenciou-se a importância e a contribuição que as novas tecnologias promovem para os alunos disléxicos ao favorecer a memorização e o aprendizado de leitura e escrita. A instrução assistida por computadores propicia um envolvimento maior dos alunos, e o uso das ferramentas tecnológicas permitem maior autonomia para lidar com os conteúdos. Alguns alunos através de *softwares* desenvolvem até mesmo a caligrafia.

Um dos grandes problemas enfrentados por essas crianças na escola é o estigma que geram preconceito e rotulação, desnecessários, pois é papel dos professores e demais profissionais da educação propiciar o acolhimento, perceber

o problema o quanto antes, avaliar e definir as melhores estratégias para contribuir com o processo de formação desses alunos.

Conclui-se, com essa pesquisa que resultan esse artigo, que é possível melhorar a qualidade de vida dos disléxicos, seja com tecnologias ou metodologias tradicionais, o importante é a descoberta precoce e atitude dos profissionais envolvidos, da sociedade em que estes indivíduos estão inseridos e, principalmente do poder público para com a educação em geral.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-IV**. Washington: American Psychiatric Association, 2000.

1. BARREIRA, S.D. e MALUF, M.R. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. **Revista Psicologia: reflexões e críticas**, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 45-125, 1995.

BEATON, A. A. **Dyslexia, Reading and the Brain: A Sourcebook of psychological and Biological Research**. London: Psychology Press, 2004.

BORBA, D. M.; QUEIROGA, B. A. M. de. VOGLEY, A. C. E. Habilidades Metalinguísticas e a Apropriação do Sistema Ortográfico. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v.9, n.2, p.73-80, mar. 2004.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F.C. Otimizando a aquisição da linguagem escrita. *Psicopedagogia*, v.2, n. 3, p. 68-97, jul.\dez. 2002.

CAPRETZ, Nancy. **Problemas e Distúrbios da Aprendizagem**. (Monografia de Especialização). Departamento de Pós-graduação e Extensão. Anhanguera Educacional, Valinhos, SP, 2012. Disponível em: <http://anhanguera.com>. Acesso em: 17 out. 2018.

CARVALHAIS L.S.A; SILVA, C. **Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de casos**. **Revista de Psicologia Escolar Educacional**, v. 11, n. 1, p. 21-9, 2007.

DAVIS, R. **O dom da dislexia**. São Paulo: Rocco, 2004.

FARRELL. M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FAWCETT, A. J.; NICHOLSON, R. I. Automatisation deficits in balance for dyslexic children. *Perceptual and Motor Skills*, v. 75, p.507-29, 1992.

FONSECA, Rosamaria Reboredo Martins da. O desenvolvimento da competência linguística na dislexia. Monografia (Especialização em psicopedagogia institucional). Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2011.

GALABURDA, A.M.; CESTNICK, L. Dislexia del desarrollo. *Revista de neurologia*, Barcelona, v.36, n.1, p.3-9, jul. 2003. GILLON, G.T. The efficacy of phonological awareness intervention for children with spoken language impairment. *Journal of Language, speech, and in schools*, Manchester, v. 31, n. 2, p. 126-141, abr. 2000.

HOWELL, J.; DEAN, E. **Treating Phonological Disorders in children: Metaphon – Theory to Practice**. London: Whurr, 1994.

IANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

LIMA, R. F.; SALGADO, C. A.; CIASCA, S. M. **Atualidades na dislexia do desenvolvimento**. 2013. Disponível em: <http://portalcienciaevida.uol.com.br/esps/edicoes/38>>. Acesso em: 09 de out. 2018.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos**. Monografia (Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica). Universidade Cândido Mendes, Niterói-RJ, 2013.

MOUSINHO, R. Dislexia e inclusão: Possibilidades de adaptações metodológicas e adaptativas. *In*: LAMOGLIA, A. **Temas em inclusão**. Saberes e práticas. Rio de Janeiro: Unirio Synergia, 2009.

OLIVEIRA, Ana Bernadete de, PEREZ Silvana C. Borges, Sueli Moura. Estudo exploratório da dislexia sob a ótica da pedagogia. Monografia (Trabalho de conclusão de curso de graduação). Faculdade Associada de Cotia – FAAC, Cotia, 2001.

REID G. STRNADOVA I, CUMMING T. Expanding horizons for students with dyslexia in the 21 century: universal design and mobile technology. *Journal Res. Spec. Educ. Needs*, v. 13, n. 3, p. 175- 81. 2013.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. Transtornos da linguagem escrita – dislexia. *In*: ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. **Transtornos de Aprendizagem**: aspectos neurobiológicos e multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.151-164.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia**: Um novo e complete programa para todos os níveis de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006.

STEIN, J. F. A defect. In dyslexia?, *In*: NICHOLSON, R. I.; FAWCETT, A, J.(Eds).**Dyslexia in children**: Multidisciplinary Perspectives. Hemel Hempstead: Havester Wheatsheaf, 1995.

TAVARES, H. V. Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais. Monografia (Pós-Graduação em Distúrbio de Aprendizagem). Faculdade do ABC, São Paulo, 2008. Disponível em:<http://www.crda.com.br/tccdoc/43.pdf>. Acesso em: 09 de out. 2018.

TUCHMAN, R. F. Correlatos neuroanatômicos, neurorradiológicos e imaginológicos de ressonância magnética funcional com a dislexia de desenvolvimento. *Revista neurologica clinica*, v.1,p.86-94, 2000.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia Clínica**. São Paulo: DP&A, 2002.

ZAPATA, EG, DEFIOR S, SERRANO F. Mejorar la fluidez lectora em dyslexia: diseño de un programa de intervención en español. *Escr. Psicol*, v. 6, n.01, p. 65-73. 2011.